



O CANTAR, O BAILAR, O BOI:

a influência da pecuária do século XVII na existência do Bumba-meu-boi

Luana Tereza de Barros Vieira Rocha¹

RESUMO: O trabalho busca compreender a influência da pecuária desenvolvida no Brasil Colônia (mais precisamente no final do século XVII) para o surgimento de uma das maiores expressões culturais brasileiras localizadas no estado do Maranhão: o Bumba-meu-boi. O trabalho vem propor uma compreensão macro da questão, com ênfase a economia na interrelação com a cultura que condicionaram a criação da dada manifestação.

Palavras-chaves: Pecuária, Região Norte-Nordeste, Bumba-meu-boi.

ABSTRACT: The work seeks to understand the influence of ranching developed in colonial Brazil (specifically in the late seventeenth century) to the emergence of one of the largest Brazilian cultural expressions in the state of Maranhão: Bumba-meu-boi. The work proposes a macro understanding of the issue, with emphasis on the economy interrelation with culture that conditioned the creation of the given event.

Key words: Livestock, North-Northeast region, Bumba-meu-boi.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: luanatereza_rocha@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

O Bumba-meu-boi, assim como outras expressões culturais brasileiras que tomam o boi como animal em homenagem, decorreu de um momento histórico que influenciou os sujeitos da época cujas diferenças de classe, cor/étnica (europeu, indígena e negro africano) não foram capazes de desfazê-lo, e sim, relacionaram-os em suas particularidades antagônicas, nos modos de ser e agir, nas posições sociais, tudo isso, organizados e manifestados nas vestimentas, nas cantigas, nos sotaques e demonstrando ao público toda essa construção na forma cômica e teatralizada. Mas antes de assumir esse posto de orgulho local houve um momento em que o Boi tido como cômico e de grande sentimento por parte dos grupos culturais, era o gado que favorecia o alimento, que facilitava o descolamento, que invadia territórios ainda não colonizados e facilitava, portanto, ao colono, seu domínio da terra.

Dessa maneira, o primeiro registro da festa apareceu em 1840, num pequeno jornal de Recife chamado *O Carapuço*, mas sua origem é certamente mais antiga. Alguns historiadores associam seu nascimento à expansão, no Nordeste, do chamado Ciclo do Gado - quando, a partir do século XVII, o animal ganhou grande importância nas fazendas da região. O boi toma um caráter relevante nessas regiões quando ele se torna um instrumento de trabalho para “resistir às intempéries naturais, disseminar o povoamento” e serve como “fonte nutritiva das populações do interior e, ao mesmo tempo, ajudar no trabalho duro da lavoura”, o boi funciona também como um animal importante para a obtenção da renda familiar e empresarial. Têm um valor simbólico aos negros e índios quando é tomado por estes, como companheiro de trabalho, representando a força, violência e resistência, bem como, de equilíbrio, calma e solidez (FERREIRA, 2006). Nessa conjuntura surge o sentido do trabalho, o qual tem por objetivo, compreender as possíveis relações do período da pecuária no século XVII com a vida cotidiana dos sujeitos da época em que eram pertencentes à classe dominada, responsáveis pela criação do Bumba-meu-boi revelando uma possível mediação entre cultura e economia.



2 A PECUÁRIA E O BUMBA-MEU-BOI: caminhos para a formação

Quando observamos qualquer apresentação de grupos juninos de Bumba-meu-boi no Maranhão independentemente do sotaque² olhamos um trecho minúsculo de toda a capacidade criadora dessa invenção humana. Em meio à exibição de cantigas, o ecoar de sons vindos dos instrumentos musicais que dão o nome ao sotaque de cada grupo, a vestimenta típica, dentre outras particularidades que dão vida à maior expressão cultural maranhense é comum não se perceber o caráter diversificado e complexo que historicamente o Bumba-meu-boi foi gerado. Ao buscar entender essa complexidade construída em diferentes momentos históricos pelos atos humanos e possíveis interpretações acerca do mesmo verificamos as múltiplas determinações em torno da expressão cultural, isto é, no jogo temporal e espacial notamos que o Bumba-meu-boi não se limita apenas a instância cultural, mais é direcionada com significância por outros setores como a política e a economia.

Nessa interrelação das instâncias sociais que designam a vida cotidiana de homens e mulheres tomemos o Bumba-meu-boi para verificar em sua dramatização/encenação do auto popular³ a forma interpretativa da vida cotidiana determinada pela pecuária no século XVII que surge da Bahia, avança por Pernambuco, Piauí até ao Maranhão. Sabemos que o Boi é dentre todos os personagens do auto popular o de maior destaque e que toda história, ou mito ou lenda feitos têm ele como o desencadeador do enredo. Os personagens como índias/tapuias, vaqueiro, Negro Chico, Catirina, patrão etc. existem entorno da existência de um animal que promove toda a história seja para captura-lo (Negro Chico), seja no desejo de comê-lo (Catirina), ou por grande sentimento afetivo (o patrão), portanto, a existência desse animal é decisiva para a expressão.

Mas em qual momento o boi assume um papel significativo nas vidas dos colonos de uma maneira significativa, a certo modo, levá-lo a ser considerado um elemento de uma ação festiva que atravessa séculos e se consolida como a forma autêntica de um povo? Como os elementos econômicos e políticos são capazes de envolver os diferentes sujeitos e como os mesmos tornaram-se personagens que contagia e dinamiza essa expressão cultural ao longo do tempo? Essas indagações norteiam as ideias promovendo a

² Sotaque de costa-de-mão, zabumba, matraca, orquestra, são mais conhecidos.

³ Basicamente termo utilizado para o momento de dramatização da morte e ressurreição do Boi que envolve vários personagens como Catirina, o padre, o Pai Francisco (Negro Chico), vaqueiros, índios e o Boi.



tentativa de analisar a seguinte proposta: Como a pecuária desenvolvida no século XVII na região nordeste cooperou para o possível surgimento da maior expressão cultural maranhense: o Bumba-meu-boi?

Dentre inúmeras lendas contadas para justificar a existência do Bumba-meu-boi⁴ tem a muito conhecida que narra o desejo da Mãe Catirina grávida e mulher do escravo da fazenda Pai Francisco (Chico ou Negro Chico) desejara comer a língua do boi. O marido então para satisfazer o desejo de sua esposa e para que a profecia não se cumprisse (se o pedido não fosse atendido o menino nasceria com cara de bunda de boi) matara o boi mais estimado da fazenda. O crime fora descoberto, e o autor fugira para a mata. O fazendeiro ao saber do corrido manda seus capatazes com a ajuda de índios conhecedores das matas procurarem Pai Francisco. Após longa procura consegue-se capturar e castigar o escravo, para não pagar com a vida fora forçado ressuscitar o animal. Para isso recebeu a ajuda de doutores, pajés, e padres. Até que Pai Francisco tem a brilhante ideia de pedir a intersecção através de uma promessa a São João para ressuscitar o boi, como por um milagre do santo, o boi revive e tudo vira festa.

Ao mostrar o riso, o lúdico, a pilheria em toda a encenação, verificou também o caráter crítico e de indignação quando seus integrantes, na sua maioria, negros ou pardos satirizavam suas vidas na condição de exploração, dominação e humilhação exercida por membros da classe dominante (fazendeiros, membros do clero) que detinham os meios de produção, bem como, os mecanismos ideológicos vislumbrando manter a ordem social centrada em suas mãos. Sabemos que em todo o Brasil, o Bumba-meu-boi, é uma expressão cultural muito disseminada. Historicamente, ela é constituída de “formas, designações e características” que são percebidos nos inúmeros e variados estilos seguindo determinados traços de cada região⁵ (FERREIRA, 2006).

Mas a origem desse evento popular, não tem definição exata. A princípio tem-se como noção desse fato, segundo Ferreira apud Câmara Cascudo (2006), como sendo o boi o “Auto nordestino”, ou seja, diz-se que “nasceu no Nordeste, porque as mais remotas notícias dele vêm através do Jornal “o Carapuzeiro”, editado no Recife, no ano de 1840, pelo padre Miguel do Sacramento Lopes Gama”. É na região Nordeste, segundo a matéria do citado jornal, que se evidencia destacadamente a materialização e o desenvolvimento

⁴ Outras lendas como a morte do boi querido de São João que foi sequestrado por São Pedro e São Marçal; a relação com o sebastianismo – o boi encantado.

⁵ O Maranhão não é o único estado brasileiro a ter como expressão cultural o Boi. Estados como Pará, Piauí, Pernambuco, Bahia também tem o Boi como traço da cultura popular local.



desse típico símbolo como uma expressão da Cultura popular no país, sendo que a extensão a outras regiões do país, na porção Central, como o Norte e o Sul, deu-se graças à exportação do mesmo por meio de um conjunto de estados nordestinos.

Com efeito, o gado chega ao Brasil com as primeiras expedições e tinha um caráter doméstico de subsistência dos poucos colonos que o Brasil possuía. Assim, “a atividade pastoril estava, nessa época, diretamente “quintal” da propriedade agrícola; o gado pertencia ao mesmo proprietário do engenho”, bem como, era “restrita à economia fechada de cana-de-açúcar ou de algumas feitorias, quase sem expressão comercial” (FRANCO & MORAES, 2010, p. 42). Mas esse caráter doméstico deu lugar a um espaço maior na medida em que os engenhos cresciam e concomitante, os rebanhos também. A carne do gado, como dito anteriormente, tornou-se abundantemente a principal alimentação da colônia e com destaque para os escravos.

Os engenhos espaço de morada dos colonos exigiam duas fontes de energia que o gado suprimira: a lenha carregada para o engenho e o animal utilizado como força motriz nas moendas, como também, transportar a cana e os artigos adquiridos na fazenda. De acordo com Franco e Moraes (2010, p. 41). “A criação se fazia na área litorânea. Não só porque ainda era uma pequena escala, mas também, porque o gado precisava ficar perto da zona produtora de sal, imprescindível ao seu sustento”. Ou como Prado Júnior (2008, p. 185) disse acerca da localidade em que o gado assumira, a princípio, mais que posteriormente, com a expansão da economia açucareira e, conseqüentemente, ocorrera o crescimento desses animais: “recalcada para o íntimo dos sertões, escondem-na à vista, a intensa vida do litoral, os engenhos, os canaviais, as outras grandes lavouras”.

O gado não era visto como um meio econômico de destaque, a princípio, como já foi percebido acima. Tido como sustento da colônia e mecanismo de deslocamento, esse recurso tornou-se para o país algo secundário, sem feitos políticos, nem aparece na primeira ordem dos grandes acontecimentos. Porém, a pecuária teria um caráter relevante para a colônia: a conquista de territórios.

A fim de colocá-la entre os mais importantes capítulos da nossa história. Excluída a estreita faixa que beira o mar e que pertence à agricultura, a área imensa que constitui hoje o país se divide, quando aos fatores que determinaram sua ocupação, entre a colheita florestal, no Extremo-Norte, a mineração no Centro-Sul, a pecuária, no resto. Das três, é difícil destacar uma para o primeiro lugar desta singular competição. Mas se não a mais grandiosa e dramática, é a pecuária pelo menos a mais sugestiva para nossos olhos de hoje (PRADO JÚNIOR, 2008, p.185).



Assim, o crescimento da pecuária que avançou sobre os limites do litoral começou a traçar nosso chão, a abrir estradas, a adentrar espaços virgens e a forçar o colono a buscar lenhas, a consolidar a dominação de territórios a passos lentos na colônia. Dessa maneira, o “aumento do rebanho e esse aumento tornou impraticável a criação no litoral, isto é, dentro das próprias unidades de açúcar” (FRANCO & MORAES, 2010, p. 42).

Pela grande extensão que a pecuária assumiu a criação desses animais não se deu de forma convencional: com estabulação, silagem e outros processos de criação intensiva⁶. Isso se deu graças às condições tidas pelos colonos (sem tantos preparos ou melhorias dos pastos, apenas a utilização do sistema de queimada).

Se a criação era feita de maneira rudimentar e primitiva, o gado à lei da Natureza, pastando a erva rala e as folhas coriáceas vegetação das caatingas, alimentação expressivamente miserável, dando gados magros e musculosos, favorecendo uma carne não muito atrativa para o consumo. Os cuidados mínimos com o rebanho eram frequente, graças ao modo como esse próprio animal (livre) vivia no território. O aparecimento de feridas atraíam moscas varejeiras, ataques frequentes de animais como onças e morcegos, irregularidade de distribuição de sal fornecido pelos “lambedouras”. Não era apenas a carne utilizada para o alimento da colônia. O leite, apesar de não comercializado, era consumido pelos moradores da colônia como coalhado ou queijo (grosso e mal preparado), assim como a manteiga. Da carne tinha um preparo particular que resultava na carne-seca (essa viria se tornar um dos pratos alimentares típicos de muitos territórios mantendo-se até hoje) cuja enfrentaria inúmeros problemas no deslocamento para outras áreas.

Assim, o gado enfrentava certas dificuldades, mas não sofria nenhum impedimento em avançar nos territórios da colônia. Desse modo, o deslocamento das zonas criatórias adentra espaços extensivos passando pela Bahia, Pernambuco, Piauí, pelos arredores do rio Paraíba ocupando uma pequena parte do alto Maranhão (Pastos Bons) e em Itapecuru (antigas fazendas existentes nesse ramo, dando lugar aos algodoais). Na parte oeste, zona do sertão, fixa-se na margem esquerda do São Francisco. Em outros territórios como em Goiás –na porção limítrofe – que era mais utilizada como passagem às estradas que ligam aquela capitania à Bahia e a Minas Gerais. É nessa conjuntura espacial que se dá a possível origem do Bumba-meu-boi, a ligação com o ciclo do gado ocorrido no século XVII no Estado da Bahia. O curso dessa expressão foi gerado entre caminhos dos rios como o rio São Francisco, Rio Parnaíba, espalhando-se para as capitanias já citadas.

⁶ Isso pode justificar a existência do vaqueiro e toda a sua vestimenta em que é personagem no auto popular.



A faixa de influência do rio São Francisco ou *rio dos currais*, como chamou Capistrano de Abreu. O primeiro sobe o rio acompanhando o seu curso pelo Nordeste; o segundo, depois de atingi-lo, transpõe-no em direção ao Norte até o Piauí. A partir do rio Parnaíba e do litoral, o boi chega ao Maranhão, espalhando-se por todo o estado onde existissem pastos bons e águas puras, passando depois para ao Ceará, fechando o cerco com a primeira direção vinda de Pernambuco (FERREIRA, 2006, p. 20).

O sucesso da consolidação deu-se significativamente a fatores naturais da dada localidade que cooperou também para o avanço do gado em capitanias da região norte e nordeste e demais. Elementos como a vegetação pouco densa da caatinga – permitia com maior facilidade de estabelecimento do homem – relevo unido (largas chapadas), presença de afloramentos salinos serviam para o gado (lambedouros). O sal era um grande aliado na satisfação desse animal, de tal maneira, que possuía um comércio em torno desse produto, explorando-o para esse fim e distribuído para muitos territórios:

Ao alcance fácil pela via fluvial que o São Francisco oferece, jazidas de sal comercialmente exploráveis [...] estas jazidas que se disseminam em faixa ao longo do São Francisco, do rio Salitre à vila do Urubu, numa extensão de quase 60 léguas de comprimento por 25 a 30 de largura. Concentram-se sobretudo na margem direita: na esquerda não são tão frequentes, nem se exploram regularmente. O sal produzido abastecia todo o alo sertão desde o Piauí ate Minas Gerais, e anda Goiás e Mato Grosso. [...] Explica-se assim porque o São Francisco, além da perenidade de suas águas volumosas, exceção nestes sertões, se tivesse tornado um condensador tão importante de fazendas de gado (PRADO JÚNIOR, 2008, p. 188).

Mesmo essas riquezas naturais não refletiam na vida dos homens da colônia nessa região: os nativos mergulhavam-se na pobreza, na falta de água, pelo crescente aparecimento de fazendas (graças à pecuária) estas meras casas cobertas de palhas ou carnaubeira. Entre negros e mestiços surgia o vaqueiro (outro elemento favorável ao crescimento das fazendas) que se ocupavam nos afazeres dessa criação que tinha uma cota de cabeças para si – após 05 (cinco) anos receberia $\frac{1}{4}$ das crias⁷. Nessas circunstâncias o vaqueiro “recebe assim, de uma só vez, um grande número de cabeças, que adquire, ou mais comumente arrendando-as dos grandes senhores de sesmarias do sertão” (PRADO JÚNIOR, 2008, p.189).

A trajetória da pecuária no sertão do Nordeste perdurou expressivamente até meados do século XVIII, mas alargou até final desse século resultando no progresso da população, na formação de novas capitanias e a criação de um comércio e vilas. Mas pelo final do século XVIII inicia-se o declínio. Algumas capitanias cessam o comércio de carne como Minas Gerais que tirara do sertão do Nordeste o mercado de carne dos centros

⁷ De certo modo podemos relacionar esses ganhos com a formação de novas fazendas e a criação de cabeças de gado, aumentando a pecuária extensiva.



mineradores. As secas ocorridas demasiadas nesse período que reduziu drasticamente as vidas nessa área alargando em tempos posteriores, o aparecimento de concorrentes como o Rio Grande do Sul, um golpe expressivo para a pecuária na dada região brasileira.

Assim, toda a trajetória dessa economia sediada, a princípio, na região Nordeste na parte litorânea e, pelo seu crescimento, nas demais capitanias marcaria historicamente sua passagem até chegar aos dias atuais não apenas por sua continuidade no presente momento em inúmeros territórios como se vê, mas pelo fato de que naquele período histórico fazer surgir provavelmente, uma das mais expressas manifestações culturais cujo retrato do cotidiano daqueles homens tornaria partes de encenações e dramatizações culturais: o exemplo, o Bumba-meu-boi⁸.

Portanto, o Bumba-meu-boi, portanto, é uma expressão decorrente desse universo histórico cuja fusão entre às matrizes étnico-culturais como as africanas, indígenas e europeias existentes nas capitanias em que a pecuária passou levou a existência desse modo histórico e típico de fazer a cultura do povo cuja realidade por esses sujeitos seriam interpretadas e expressas em cantigas, bailados, enfeites em roupas designando o gado que tira desse seu alimento, que forma estradas, meio que se locomove para longas terras. Isto significa que:

O Bumba-meu-boi surgiu no meio da escravaria do nosso país, bailando, saltando, espalhando o povo folião, suscitando grito, correria, emulação. O negro que desejava reviver as folganças que trouxera de terra distante, para distender os músculos e afogar as mágoas do cativo nos meneios febricitantes de danças lascivas, teve participação decisiva nessa criação genial, nela aparecendo dançando, cantando, enfim, vivendo. Os indígenas logo simpatizaram com a “brincadeira”, foram conquistados por ela e passaram a representá-la incorporando-lhe também suas características. O branco entrou de quebra, como o elemento a ser satirizado e posto em cheque pela sua situação dominante. (FERREIRA apud CÂMARA CASCUDO, 2006, p. 20).

Sendo oriunda da relação econômica e social da região Norte e Nordeste que, por sua vez, são constituídas pelos traços típicos do período colonial marcado pela monocultura, criação extensiva de gado e escravidão, a expressão toma esse conjunto como direção do seu enredo em inúmeras festas realizadas. Nesse caso, à ideia da figura do boi, este sendo, um instrumento de expressão cultural, como um animal personificado

8 Como já foi tratado em todo trabalho, a pecuária avançou territórios e deixou inúmeras expressões culturais que revelam não apenas sua existência, mas como essa criação tornou-se real através da forma e maneira como os sujeitos interpretaram sua realidade, sua vida e os sujeitos que com elas estavam na construção daquele mundo. Para tanto, temos como expressão cultural que gira entorno do gado o Boi-de-mamão no estado de Santa Catarina e Boi Bumbá no Pará, são exemplos.



para retratar as relações de poder que se estabelecem entre trabalhadores e fazendeiros na área rural.

A distinção entre as duas classes, o trabalhador rural e o patrão pertencente à elite brasileira localizadas nas regiões, é bem evidente. A contradição social e econômica entre ambas, como também, o reconhecimento desses universos contraditórios por parte da classe subalterna dessa última, dá uma direção política que se manifesta por meio da expressão cultural satirizando a figura do patrão. Todo esse contexto é percebido na dramatização da expressão. A riqueza do boi tornou-se expressiva na vida desses homens pertencentes a classes antagônicas. De tal modo que os fez traçar da pecuária uma expressão cultural que avançou no tempo, sofreu inúmeras rejeições da elite local seja na opressão policial seja no discurso normatizador/civilizatório da Igreja e dos meios de comunicação. Mas que séculos mais tarde, essa mesma economia de caráter local, porém extensiva com o passar do tempo tornaria o símbolo cultural de um povo reconhecido mundialmente.

3 CONCLUSÃO

É indubitável perceber as relações intrínsecas que envolvem a economia e a cultura. A realidade dinâmica criada e recriada pelos sujeitos numa condição de dominação, exploração e humilhação historicamente determinada, acarreta aos sujeitos inúmeros feitos dentre esses as expressões culturais, os quais, refletiram em suas vidas e pensamentos, sua criatividade oriunda da realidade a eles pertencentes nessas ações históricas.

Nessa ideia, tentei traçar as possíveis condições que a pecuária extensiva desenvolvida no Brasil colônia, datadamente no século XVII teve influência no aparecimento do Bumba-meu-boi localizado no Maranhão.

A intenção foi tratar como se deu essa economia surgida na região litorânea do Nordeste brasileiro que com o avanço da criação do gado e o crescimento das fazendas tantas as modestas – decorrentes das construídas pelos vaqueiros – quanto às de grande porte que tinham os senhores a controlar, os trabalhos exercidos por mestiços e negros escravos esses últimos, não apenas a ser explorados pela pecuária nas fazendas, como também, na grande lavoura e na mineração pôde influenciar a ação criativa cultural já citada.

A pecuária teve um papel especial, e marcou sua presença desde a criação dos mitos e lendas até no bailar, cantar, das possíveis expressões decorrentes desse período



espalhados em várias regiões do país. O Boi, animal de destaque dessa economia teve e tem o papel central na composição dos grupos culturais, e no Maranhão já tratando especificamente, o mesmo tem dedicado um período cuja capital do estado mobiliza-se para festejar: São João no mês de junho.

REFERÊNCIA

FERREIRA, Carla Georgea Silva. **Bumba Meu Quilombo: o festival de bumba boi de zabumba em São Luís.** São Luís, 2006.

FRANCO, Paulo Sérgio Silva; MORAES, Marcos Antônio de. **Geografia econômica Brasil de colônia a colônia.** Campinas, SP: Editora Átomo, 2010. 2º Edição.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia.** São Paulo: Brasiliense, 2008.